



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS



ANA MARIA DA FONSECA DENEGA

OFICINA DE LEITURA: TEMÁTICA INDÍGENA

Maringá
2023

ANA MARIA DA FONSECA DENEGA

OFICINA DE LEITURA: TEMÁTICA INDÍGENA

Produto apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial ao título de mestre em Letras.

Orientadora: Eliana Alves Greco

Maringá

2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

**OFICINA DE LEITURA:
TEMÁTICA INDÍGENA**

MARINGÁ
2023

OFICINA DE LEITURA: TEMÁTICA INDÍGENA

Esta proposta didático-pedagógica tem como objetivo explorar a leitura pela perspectiva discursiva, a qual tem por base a Análise de Discurso de linha francesa, apresentando como tema a questão indígena. A proposta se apresenta por meio de uma Oficina de Leitura, na qual as atividades foram pensadas em um percurso que leve em conta o conhecimento de mundo do aluno, com vistas a ampliá-lo, bem como o contexto sócio-histórico e ideológico em que esse aluno está inserido. Para melhor delimitar esse percurso de aprendizagem, a proposta foi dividida em cinco momentos, sendo que cada um contém atividades que exploram textos de gêneros discursivos diversos. Os módulos são os seguintes:

1. Como (aluno) vejo os indígenas?
2. Como a sociedade vê os indígenas?
3. Um pouco da sócio-história do povo indígena.
4. O indígena pelo indígena.
5. Como (aluno) vejo os indígenas agora?



Observação: as instruções para o professor(a) estão separadas em quadro.

Sumário

1. COMO VEJO OS INDÍGENAS?	05
2. COMO A SOCIEDADE VÊ OS INDÍGENAS?	08
3. UM POUCO DA SÓCIO-HISTÓRIA DO POVO INDÍGENA	19
4. O ÍNDIGENA PELO ÍNDIGENA	25
5. COMO VEJO OS INDÍGENAS AGORA?	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	44

1. COMO VEJO OS INDÍGENAS?

Professor(a), a previsão para este módulo é de duas aulas.

Neste primeiro módulo de atividades, será explorado um questionário em busca do conhecimento dos alunos acerca da temática indígena. Para tanto, primeiramente, procuramos instigar a motivação dos alunos, levando em conta suas expectativas e gostos.

Nesse sentido, a primeira atividade tem o objetivo de despertar a curiosidade a respeito da temática, pautando-se na personalidade de Alok Achkar Peres Petrillo, dito Dj Alok, com o vídeo *Alok on Global Citizen Live Amazon (Amazônia) 2021*¹¹, que associa a música eletrônica à indígena. O objetivo é despertar a curiosidade a respeito da temática e instigar os alunos, a partir de uma personalidade conhecida pelo público mais jovem.

Antes de assistir ao vídeo, os itens que seguem devem ser feitos oralmente para introduzir o tema e estimular a visão dos alunos.

Para introduzir o texto

1. Vamos assistir ao vídeo “ALOK on Global Citizen Live Amazon”.
2. Vocês conhecem o DJ Alok? Já ouviram alguma de suas músicas?
3. Vocês já ouviram o canto indígena? Já ouviram alguma coisa em língua indígena?
4. Vamos assistir ao vídeo.



¹¹ PETRILLO, Alok Achkar Peres, dito DJ ALOK. ALOK on Global Citizen Live Amazon (2021). Alok. 2021, 9min23seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3GIGj6j3SFU>. Acesso em: 25 out. 2021.

Figura 1: Print de ALOK on Global Citizen Live Amazon.



Link do videoclipe: https://www.youtube.com/watch?v=omUN_Y0Q_sg

Professor(a), após assistir ao videoclipe, deve ser feita uma interação oral sobre os aspectos nele abordados, procurando observar as impressões dos alunos, suas pontuações e comentários.

Na sequência, os alunos irão responder, individualmente, um questionário acerca da temática indígena, com o objetivo de conhecer um pouco da visão dos alunos sobre essa temática. Nesse ponto, é importante que o professor não influencie nas respostas, para que as ideias apresentadas sejam fidedignas ao que os discentes realmente sabem sobre o tema. Tendo como base a Análise de Discurso, as questões precisam, na medida do possível, não direcionar respostas, para que os alunos realmente demonstrem seu conhecimento, e dessa forma os discursos que permeiam sua formação.

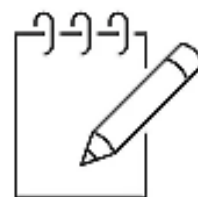
O questionário será impresso e entregue para os alunos responderem em sala.



Atividade 1: Questionário sobre os indígenas.

As perguntas a seguir têm como base os indígenas que vivem no Brasil. Responda conforme seu conhecimento sobre o assunto.

1. De que forma você denomina os indígenas do nosso país? Esses indígenas são todos de um mesmo povo?
2. Você conhece alguma língua indígena? Atualmente são faladas línguas indígenas no Brasil? Você conhece alguma palavra de origem indígena que usamos atualmente?
3. Que regiões apresentam indígenas no território brasileiro? Há indígenas na região que você vive? Em sua cidade, é comum a presença de indígenas? Se sim, como é essa presença?
4. Você conhece algum costume indígena? Se sim, qual? Você considera que a cultura indígena influencia os costumes brasileiros?
5. Você acredita que os indígenas são importantes na formação do Brasil? O que você sabe sobre a forma como o indígena vem sendo tratado ao longo da história brasileira?
6. Você acredita que ainda existam indígenas totalmente isolados na floresta? O que você sabe sobre isso?
7. Se um indígena vive na cidade, está adaptado ao modo de vida urbano, ainda assim pode ser considerado indígena? Por quê?
8. Quanto aos avanços da modernidade, você considera que o indígena avançou nesse quesito? E quanto ao uso das tecnologias digitais, o indígena domina esse uso? Você já viu alguma manifestação digital de algum indígena?
9. Quanto à formação e profissionalização do indígena, o que você sabe sobre isso? Conhece algum indígena que fez curso superior, por exemplo?
10. Você se lembra de alguma notícia recente sobre os indígenas? Se sim, qual?



Professor(a), após aplicação do questionário, os alunos deverão devolvê-lo ao professor, o qual irá ler as respostas com atenção, procurando observar a imagem que os alunos apresentaram sobre os indígenas. Podem ser anotados os principais equívocos, de modo a desfazê-los ao longo das atividades. É preciso ficar atento também quanto a alunos que possam apresentar visões mais abrangentes e enriquecedoras sobre o tema, de modo a explorá-las ao longo das discussões, promovendo as contribuições dos alunos sempre que possível.

Ao final da proposta didático-pedagógica de leitura, no último módulo (módulo 5), o aluno fará uma atividade utilizando as respostas desse questionário, para observar uma possível ampliação da visão acerca dos indígenas.

2. COMO A SOCIEDADE VÊ OS INDÍGENAS?

Professor(a), a previsão para este módulo é de quatro aulas.

Este segundo módulo de atividades terá como foco a forma como a sociedade vê os indígenas, e para isso, serão explorados textos que mostrem possíveis imagens dos indígenas. Dessa forma, os alunos podem refletir sobre a maneira como os indígenas são vistos em sociedade, bem como sua própria visão, uma vez que também é parte dessa sociedade.

Primeiramente, será explorada a crônica “É índio ou não é índio?”, do reconhecido autor indígena Daniel Munduruku. A crônica apresenta a imagem estereotipada que muitas pessoas possuem dos indígenas, a qual é muito comum na sociedade. O autor faz isso de forma leve e descontraída, contudo sem deixar de promover uma reflexão.

Antes da leitura da crônica, é importante explorar o contexto de produção. E com esse objetivo, primeiramente serão expostas para os alunos informações sobre a obra e o autor.



Atividade 1: Crônica indígena

Para introduzir o texto

Figura 2: Daniel Munduruku.



Fonte: danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html

A crônica faz parte do livro *Histórias de índio* (2013), produzido por Daniel Munduruku (28/02/1964), escritor e professor paraense, pertencente ao povo indígena Munduruku. Autor de 54 livros publicados por diversas editoras no Brasil e no exterior, a maioria como literatura infanto-juvenil. É Graduado em Filosofia, História e Psicologia. Tem Mestrado e Doutorado em Educação pela USP – Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Já recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por sua obra literária. Ativista engajado no Movimento Indígena Brasileiro, reside em Lorena, interior de São Paulo. Recentemente concorreu a uma cadeira para Academia Brasileira de Letras.

(Fonte: danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html)

Crônica “É índio ou não é índio”, de Daniel Munduruku.

1. Leitura silenciosa da crônica.
2. Leitura dramatizada: três alunos farão a leitura, sendo um para o narrador e um para cada senhora.



Segue a crônica:

É índio ou não é índio?

Certa feita tomei o metrô até a praça da Sé. Eram os primeiros dias que estava em São Paulo, e eu gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar. Queria poder ter a certeza de que as pessoas me identificavam como índio a fim formar minha autoimagem.

Nessa ocasião a que me refiro, ouvi o seguinte diálogo entre duas senhoras que me olharam de cima abaixo quando entrei no metrô:

– Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio – disse a senhora A.

– É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Viu que ele usa calça jeans? Não é possível que ele seja índio usando roupa de branco. Acho que não é índio de verdade – retrucou a senhora B.

– É, pode ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio, sim – defendeu-me a senhora A.

– Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando pro tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio – argumentou a senhora B.

– Mas ele tem o olho puxado – disse a senhora A.

– E também usa sapatos e camisa – ironizou a senhora B.

– Mas tem as maçãs do rosto muito salientes. Só os índios tem rosto desse jeito.

Não, ele não nega. Só pode ser um índio e, parece, dos puros

– Não acredito. Não existem mais índios puros – afirmou cheia de sabedoria a senhora B.

– Afinal, como um índio poderia estar andando de metrô? Índio de verdade mora na floresta, carrega arco e flechas, caça e pesca e planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma...

– Você viu o colar que ele está usando? Parece que é de dentes. Será que é de dentes de gente?

– De repente até é. Ouvi dizer que ainda existem índios que comem gente – disse a senhora B.

– Você não disse que achava que ele era índio? E agora parece que você está com medo?

– Por via das dúvidas...

– O que você acha de falarmos com ele?

– E se ele não gostar?

– Paciência... Ao menos nós teremos informações mais precisas, você não acha?

– É, eu acho, mas confesso que não tenho muita coragem de iniciar um diálogo com ele. Você pergunta? – disse a senhora B, que a esta altura já se mostrava um tanto constrangida.

– Eu pergunto. Eu estava ouvindo a conversa de costas para as duas e de vez em quando ria com vontade. De repente senti um leve toque de dedos. Virei-me. Infelizmente elas demoraram a chamar-me. Meu ponto de desembarque estava chegando.

Olhei para elas, sorri e disse:

– Sim!

(MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. Schwarcz: São Paulo, 2013.)



Professor(a), na sequência, haverá uma interação mais efetiva com o texto a partir das atividades voltadas para a materialidade da crônica. Serão explorados, aspectos linguísticos e características do gênero crônica relevantes para a compreensão dos possíveis sentidos do texto.

Os alunos deverão responder as atividades no caderno. Posteriormente, será feita uma correção no quadro.

Para responder no caderno

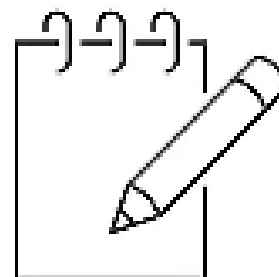
1. Observe a biografia do autor da crônica.

a) O fato de ele ser um indígena influencia no tema tratado?

Como?

b) Qual seria o objetivo dele ao tratar desse assunto?

c) Se fosse um autor não indígena, o texto teria esse mesmo objetivo?



2. A história se passa em um metrô, na Praça da Sé.

a) Esse espaço fica em que tipo de cidade (grande ou pequena)? De que maneira você chegou a essa conclusão?

b) É comum encontrar um indígena nesse tipo de espaço? Por quê?

c) Conforme o texto, qual é o objetivo do narrador (como indígena) ao frequentar esse espaço?

d) A seu ver, o espaço influencia na visão das personagens a respeito do indígena? Se ele estivesse em uma área rural, será que as senhoras ficariam em dúvida sobre o fato de ele ser ou não indígena?

3. Sobre a época em que se passa a história.

a) Em que época se passa a história? Como você chegou a essa conclusão?

b) O texto foi publicado há quase 20 anos. O efeito do texto hoje é o mesmo da época em que foi escrito? Como você chegou a essa conclusão?

4. Sobre as personagens.

a) De que forma o narrador, em primeira pessoa, como indígena, contribui para os possíveis sentidos do texto?

b) Com relação às demais personagens, quais os possíveis sentidos ao denominá-las de senhora A e senhora B?

c) Leve em consideração que o narrador, como indígena, queria sentir as reações das pessoas quanto à sua imagem. A partir das conversas das senhoras, você acredita que a autoimagem dele foi influenciada pela conversa delas? Por quê?

5. Observe os elementos linguísticos que participam da construção verbal da crônica.

a) O sinal de interrogação foi explorado repetidamente ao longo do diálogo, qual seria o objetivo dessa repetição?

b) Ao final do diálogo, o narrador emite uma resposta (“sim”) para uma possível pergunta das senhoras. Que pergunta seria essa?

6. O escritor Daniel Munduruku afirma que a palavra “índio” remete a estereótipos preconceituosos relacionados aos povos indígenas, como sendo uma pessoa selvagem. Ele também destaca que o termo adquiriu caráter pejorativo com o tempo, sendo associado à preguiça e ao atraso. Por isso, o termo mais indicado tem sido “indígena”, que significa “natural do lugar em que se habita, aquele que está ali antes dos outros”¹².

a) Assim, levante hipóteses tendo em vista o contexto do texto, por que o autor usou o termo “índio” no seu texto?

b) Se ele usasse o termo indígena teria o mesmo efeito de sentido?

7. Na crônica, podemos perceber diferentes formas de ver o indígena.

a) Releia o diálogo entre as duas senhoras e complete o quadro com as características que elas citaram.

Traços físicos	Vestimentas	Costumes

b) Em contraposição à visão das senhoras, o narrador personaliza uma outra visão dos indígenas. Para contrastar essa diferença, complete o quadro com as características do narrador.

Traços físicos	Vestimentas	Costumes

c) Para concluir a comparação das visões retratadas na crônica, reflita: como é a visão das senhoras quanto aos indígenas e como é a visão do narrador? Qual dessas visões é a mais comum na sociedade?

8. Vamos conhecer mais uma obra do autor Daniel Munduruku? Ao longo destas aulas, vocês farão, como tarefa de casa, a leitura do conto *O menino que não sabia sonhar*¹³. No módulo 5, teremos uma atividade explorando esse conto.



¹² Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/dia-do-indio-ou-do-indigena-entenda-os-termos-e-como-nao-errar/>. Acesso em: 31 abr. 2022

¹³ MUNDURUKU, Daniel. Histórias de índio. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2013

Professor(a), é preciso disponibilizar o conto impresso para que os alunos providenciem a leitura do conto citado no exercício anterior da atividade 1. O conto encontra-se nos anexos desta proposta.

Atividade 2: Notícia on-line

Professor(a), na sequência, exploraremos uma notícia sobre indígenas, a qual retrata um fato ocorrido em Campo Mourão, cidade localizada no interior do Paraná.

Nesta atividade, deve ser utilizado computador e internet, para mostrar a notícia on-line, bem como ouvir o áudio que a acompanha. Caso a escola não tenha acesso a essa tecnologia, pode ser explorada somente a versão impressa da notícia.

Antes de ler a notícia, é relevante apresentar o meio de comunicação que a produziu, para entender um pouco o contexto de produção.

Para introduzir o texto

Interação oral

1. O site que divulgou a notícia corresponde a uma rádio – Rádio CBN (Central Brasileira de Notícia) – Vocês conhecem essa rádio? Já ouviram alguma vez?
2. Essa rádio tem como *slogan* “A rádio que toca notícia”. Que sentidos essa frase pode sugerir em relação à rádio?
3. A rádio CBN foi fundada em 1991, tem um alcance nacional, com afiliadas em todo Brasil, sendo que uma delas – a de Maringá (cidade da região) – veiculou a notícia a ser lida. Por que essa notícia foi considerada relevante para aparecer na rádio e no site?
4. Vamos ouvir o áudio da notícia.
5. Agora que já ouviram a notícia por áudio, vamos ler a mesma notícia e fazer as atividades propostas.



Figura 3: Página da notícia.



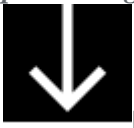
Imagem Ilustrativa | Foto: Arquivo/Prefeitura de Campo Mourão

Índios

Polêmica em Campo Mourão: moradores são contra terreno para indígenas em bairro da cidade

Paraná por **Luciana Peña** em 17/06/2021 - 08:25

Até um abaixo-assinado foi criado, mas o tom preconceituoso da manifestação foi repudiado pelo Conselho Municipal de Igualdade Racial. De qualquer forma, a prefeitura estuda um novo local para abrigar os índios que passam temporadas na cidade.



Baixe o áudio

Os índios da aldeia kaingang de Manuel Ribas passam temporadas em Campo Mourão para vender artesanato.

As famílias ficam abrigadas numa praça, perto da rodoviária, sem qualquer estrutura nem condições de higiene.

Em 2018, foi criado o Grupo de Trabalho Interinstitucional. Esse grupo é formado por representantes da Secretaria de Assistência Social, da Funai, do Ministério Público, da Câmara de Vereadores e de conselhos municipais.

O objetivo do grupo é encontrar um local adequado para a instalação do “Terreno de Passagem” para os indígenas.

Em maio, o Grupo anunciou que teria encontrado o local adequado, próximo a uma área de preservação ambiental, em que os indígenas se sentiriam mais próximos da natureza.

O espaço escolhido fica no Jardim Araucária. Mas a vizinhança não gostou. Os moradores do bairro e das proximidades fizeram um abaixo-assinado.

O Conselho de Igualdade Racial de Campo Mourão divulgou esta semana uma nota de repúdio ao abaixo-assinado. Segundo o Conselho, os moradores estão sendo preconceituosos e podendo incorrer em crime de injúria racial porque no abaixo-assinado alegam que a presença dos índios provoca desvalorização imobiliária e traz insegurança.

Segundo a secretária de Assistência Social, Márcia Calderan, não é possível aceitar esse tipo de manifestação por parte dos moradores.

De qualquer forma, o terreno de passagem já tem novo endereço, aprovado pela comunidade indígena e pelo Ministério Público do Meio Ambiente.

A CBN não conseguiu contato com o Conselho de Igualdade Racial. A reportagem conversou com um morador, que não gravou entrevista, mas disse haver 'exagero' de todas as partes.

(PEÑA, Luciana. Polêmica em Capo Mourão: moradores são contra terreno para indígenas em bairro da cidade. CBN Maringá, 17/06/2021. Disponível em: <https://www.cbnmringa.com.br/notícia/polemica-em-campomourao-moradores-sao-contra-terreno-para-indigenas-em-bairro-da-cidade>. Acesso em: 19 dez. 2021)

Para responder no caderno

Após ler a notícia, vamos refletir sobre as informações que ela veicula.

1. Sobre o fato noticiado:

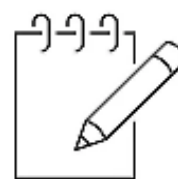
a) Você sabia que alguns indígenas passam temporadas nas cidades para vender artesanato? Já teve contato com alguns desses grupos?

b) A notícia afirma que os indígenas vivem próximos à rodoviária. Por que você imagina que escolheram esse local?

c) Por outro lado, para a casa de passagem, o Grupo de Trabalho Interinstitucional escolheu um local próximo a uma área de preservação ambiental. Por que esse foi o local escolhido? Será que esse seria o local escolhido pelos indígenas?

d) A ação foi realizada por um grupo chamado de Grupo de Trabalho Interinstitucional, formado por representantes da Secretaria de Assistência Social, da Funai, do Ministério Público, da Câmara de Vereadores e de conselhos municipais. Você conhece alguma dessas instituições? Você conhece, por exemplo, a Funai (Fundação Nacional do Índio)? Se sim, o que você sabe sobre essas instituições? Se não, procure pesquisar.

e) Conforme mencionado na atividade anterior, o termo "índio" tem sido considerado pejorativo atualmente, sendo mais adequado a denominação "indígena". No entanto o termo índio foi usado na notícia. Quais os possíveis motivos para esse uso? Quais os possíveis efeitos de sentido esse termo produz no texto?



2. Observe o título “Polêmica em Campo Mourão: moradores são contra terreno para indígenas em bairro da cidade.”

a) Qual é a polêmica retratada?

b) O título colabora para deixar claro qual é a polêmica?

3. Leia o subtítulo da notícia: “Até um abaixo-assinado foi criado, mas o tom preconceituoso da manifestação foi repudiado pelo Conselho Municipal de Igualdade Racial. De qualquer forma, a prefeitura estuda um novo local para abrigar os índios que passam temporadas na cidade.”

a) Ao ler a expressão “tom preconceituoso”, o que podemos imaginar que havia nesse abaixo-assinado em relação aos indígenas? Você sabe o que é preconceito? Acredita que exista realmente preconceito em relação aos indígenas na sociedade?

b) Você conhece o “Conselho Municipal de Igualdade Racial”? Por que ele se manifestou? Que relação essa instituição tem com o fato ocorrido?

c) Quanto à ação da prefeitura, a de pensar em um novo local para o abrigo. Você concorda com essa forma de resolver a polêmica?

4. O que os moradores do bairro escolhido alegaram no abaixo-assinado contra a casa de passagem dos indígenas?

5. Qual é a sua opinião sobre essa polêmica? Você concorda com a visão dos moradores do bairro? Por outro lado, você concorda com o repúdio do Conselho de Igualdade Racial? Acredita que houve preconceito em relação aos indígenas?

6. Você conhece o termo xenofobia. Vamos procurar no dicionário? Após conhecer o significado do termo, você acredita que a ação dos moradores do bairro é um tipo de xenofobia?

7. A partir dessa polêmica, o que podemos supor sobre a imagem do indígena por parte dos moradores dessa cidade? Você conhece alguém que compartilha dessa visão?

8. Sobre os indígenas que geralmente passam pela cidade de Campo Mourão.

a) De que povos eles são e onde ficam estabelecidos?

b) Você conhece esse povo indígena? Sabe alguma coisa sobre sua cultura? Vamos pesquisar e descobrir um pouquinho mais sobre esses indivíduos?

c) Pesquise sobre o povo Kaingang, o mais comum na região sul do Brasil, inclusive no Paraná, e traga o resultado de sua pesquisa anotado no caderno para a próxima aula.



Para ir além

Curiosidade: segue link com notícia com informação complementar sobre o local de instalação da Casa de Passagem, bem como sua inauguração: www.tribunadointerior.com.br/campo-mourao/inaugurado-espaco-de-passagem-para-comunidade-indigena-em-campo-mourao/



Atividade 3: Sala de aula invertida

Professor(a), nesta atividade os alunos deverão compartilhar com a turma as informações que pesquisaram sobre o povo Kaingang. Procure instigá-los a interagirem sobre o assunto, dê um tempo para interação oral a partir das informações trazidas pelos alunos.

Professor(a), antes da aula, faça você também uma pesquisa com as principais informações sobre o povo kaingang para promover a atividade.

Sugestão de link com informações sobre os kaingangs: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>.

Momento de interação

Vamos compartilhar as informações que vocês pesquisaram sobre o povo Kaingang.

Figura 4: Arte Kaingang.



Fonte: a autora, 2022.

3. UM POUCO DA SÓCIO-HISTÓRIA DO POVO INDÍGENA

Professor(a), a previsão para este módulo é de quatro aulas.

Neste terceiro módulo, serão propostas atividades com gêneros discursivos diversos, de modo a explorar a história e a cultura dos povos indígenas.

Atividade 1: Poema *Erro de português*, de Oswald de Andrade

Professor(a), para início de conversa, será explorado o poema *Erro de português*, de Oswald de Andrade. Para uma leitura mais efetiva, segue uma breve explanação sobre o momento de produção do poema, bem como seu autor.

Ao longo do poema, mais uma vez foi usado o termo índio para indígenas. Isso se deve ao contexto sócio-histórico, pois na época em que foi escrito ainda não havia a visão desse termo como pejorativo. Procure comentar isso oralmente, sempre questionando os possíveis motivos para esse uso.

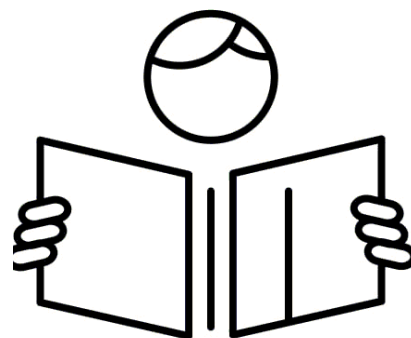
Para introduzir o texto

Antes de ler o poema, observem o título: *Erro de português*

1. Do que vocês imaginam que se trata o poema a partir do título? Qual seria o “Erro de português” a que o título se refere?
2. Vamos ler o poema.

Erro de português

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena! Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português



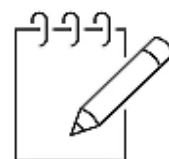
(ANDRADE, Oswald. **Obras completas** – 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971)

Primeiro momento – interação oral:

1. O texto trata sobre a colonização do Brasil. O que vocês sabem sobre isso?
2. Que efeitos de sentido pode ter a expressão “vestiu o índio”?
3. Que efeitos de sentido tem a expressão “bruta chuva”?
4. O que poderia ser uma manhã de sol?
5. Quais os possíveis efeitos de sentido dos verbos “vestir” e “despir” no poema?

Segundo momento – atividades para serem feitas no caderno:

6. Observe que a linguagem utilizada no texto é bastante informal. Que elementos do texto comprovam isso? De que forma a linguagem informal colabora com a mensagem que se quer passar no texto?
7. As formas verbais “vestiu” e “despiu” formam uma antítese, isto é, ideias contrárias, opostas. Nesse caso, não querem dizer apenas “tirar e colocar a roupa”, mas estão relacionados às condições do processo sócio-histórico da colonização do Brasil.
 - a) Assim, que sentido essa antítese traz para o texto?
 - b) Esses verbos estão no pretérito perfeito, isto é, referem-se a algo concluído no passado. Quais os efeitos desse tempo verbal para o poema?
8. No poema, dois substantivos se destacam e se repetem. Quais são esses substantivos? Por que eles recebem esse destaque?
9. O adjetivo “bruta” e a locução adjetiva “de sol” colaboram para caracterizar a diferença cultural entre português e índio. Que efeitos de sentido essas qualificações promovem?
10. No poema, as orações subordinadas adverbiais “Quando o português chegou...” e “Fosse uma manhã de sol...” destacam-se na construção dos sentidos.
 - a) Qual delas passa uma circunstância temporal e qual passa uma circunstância condicional?
 - b) De que forma essas circunstâncias colaboram na formação dos sentidos?
11. Agora, pensemos no título do poema. Qual é o efeito de sentido que o título “Erro de português” promove?
12. Podemos dizer que o sujeito do poema concorda ou discorda da forma com que a colonização do indígena foi feita no Brasil? Por quê?
13. E você, concorda com a visão do poema? Comente.



Atividade 2: Videoaula *Descobrimento do Brasil?*, de Lilia Scharwz

Professor(a), na sequência, os alunos assistirão à videoaula *Descobrimento do Brasil?*¹⁴, de Lilia Scharwz, a qual trata sobre a colonização do Brasil. No vídeo, Lilia apresenta a colonização com uma nova visão – a de invasão.

Para introduzir o texto

Lilia Moritz Schwarcz é professora titular no Departamento de Antropologia da USP. Foi Professora visitante em várias universidades estrangeiras. Em 2010, recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Científico Nacional. É autora, entre outros temas, sobre a questão das raças no Brasil, recebendo diversos prêmios literários.

O vídeo foi postado em 22/04/2022, no canal da autora, chamado “Canal da Lili”, no qual ela trata de assuntos relacionados à história, cultura e sociedade brasileira. A autora descreve seu canal como “Espaço de descoberta e democratização da história”.

Vamos assistir à videoaula “Descobrimento do Brasil?”, de Lilia Scharwz.

Figura 5: Print Videoaula *Descobrimento do Brasil?*



Link da videoaula: www.youtube.com/watch?v=v9TPDFXL1fc

¹⁴ SCHWARCZ, Lilia. Aula O descobrimento do Brasil?. 2022, 3min3seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9TPDXL1fc>. Acesso em: 25 maio. 2022.

Depois de assistir à videoaula, vocês deverão:

1. Traçar um paralelo entre a aula de Lilia e o poema de Oswald de Andrade.
2. Encontrar os argumentos que Lilia Schwarcz cita para chamar o Descobrimento de Invasão.
3. Responder: em sua opinião como seria a versão dos indígenas sobre a “colonização”?

Atividade 3: Documentário *Índios do Brasil, quem são eles?*

Professor(a), esta atividade explora um episódio de um documentário com informações a respeito das sociodiversidades indígenas, tendo como objetivo aumentar o repertório dos alunos sobre essa pluralidade. As informações observadas servirão como base para compor itens para um trabalho colaborativo. Antes de assistir ao vídeo, explique a atividade para os alunos, organize os grupos e distribua o item que cada equipe deverá trabalhar. Cada grupo deve anotar os aspectos mais relevantes sobre o item proposto e conversar sobre o que foi levantado.

Para introduzir o texto

Vamos assistir ao vídeo da *Série Índios no Brasil – episódio Quem são eles?*¹⁵, com narração do reconhecido líder indígena Ailton Krenak, do povo crenaque, o qual é ambientalista, filósofo e escritor. O documentário foi feito em 2000, por isso alguns dados estão um pouco defasados, bem como o termo utilizado para nominar os indígenas – índios –, o qual também pode apresentar certo cunho pejorativo, conforme visto anteriormente. Afora isso, procure observar quantos povos indígenas aparecem, em que partes do país eles vivem, que línguas falam. Procure observar também a diferença entre o discurso do indígena e o discurso do não indígena, apresentados no vídeo.

As informações observadas servirão como base para compor os itens que seguem. Os itens serão distribuídos em grupos. Cada grupo deve anotar e conversar sobre as informações conforme o assunto atribuído para sua equipe.

1. Número de indígenas e regiões que habitam.
2. Povos citados.
3. O que é ensinado na escola.
4. Discriminação, preconceitos e violência contra os indígenas.
5. Aparência e cultura.
6. Indígena e tecnologia. Identidades indígenas.



¹⁵ RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIA. *Série Índios do Brasil – Episódio Quem são eles?* Da TV Escola, 2022, 17min37seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SAM7IazyQc4>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Vamos assistir ao episódio.

Figura 6: Print Episódio Quem são eles?



Link do episódio: www.youtube.com/watch?v=SAM7lazyQc4

Professor(a), dê um tempo para os grupos realizarem as atividades, instruindo-os quando necessário. Após terminarem o trabalho, os grupos deverão compartilhar o resultado das informações levantadas com o restante da turma para interação oral.

Agora vamos realizar as atividades e na sequência compartilhar as informações com o restante da turma.

Atividade 4: Gráfico sobre população indígena

Professor(a), esta atividade apresenta um gráfico com números do Censo 2010 relacionados à população indígena. O objetivo é refletir sobre esses números, além de observar o aumento da população indígena, como também o número de indígenas que vivem na zona urbana.

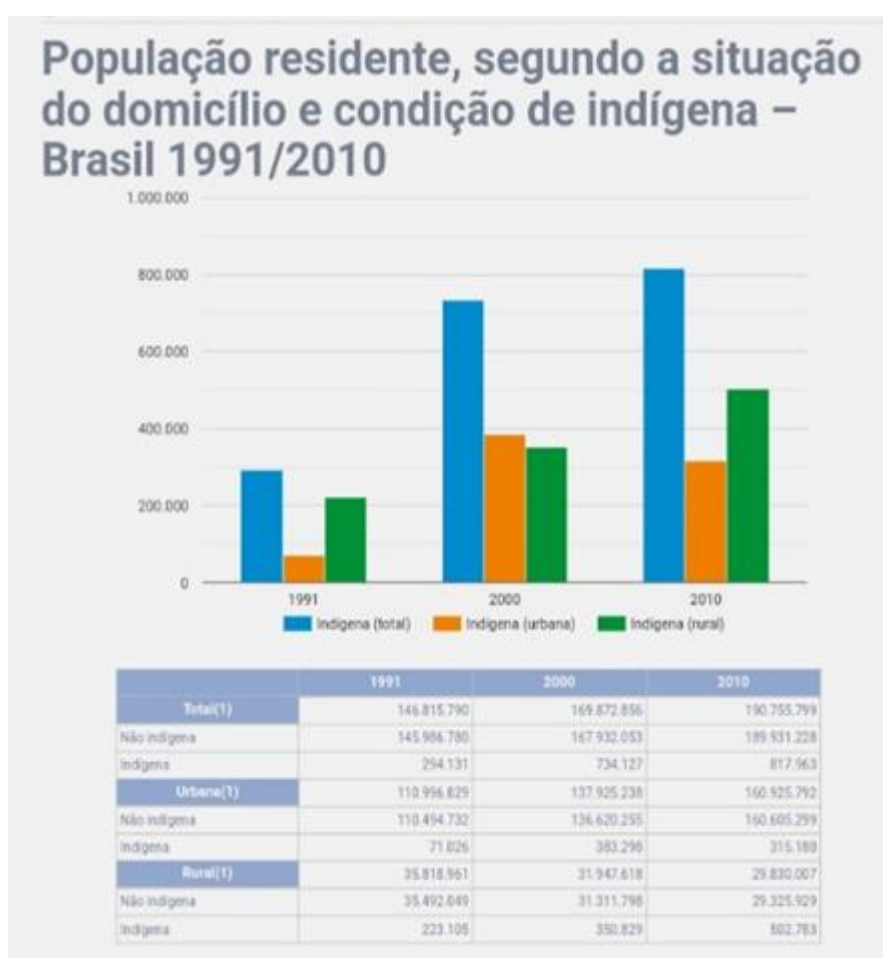


Para introduzir o texto

De acordo com o Censo 2010¹⁶, existem, no Brasil, aproximadamente, 897 mil indígenas. Entre essas pessoas, cerca de 517 mil vivem em terras indígenas. Além disso, há 305 etnias e 274 línguas indígenas. Repare também que os dados são de 1991 a 2010, isso se deve ao fato de a categoria “indígena” ter aparecido no Censo somente a partir de 1991.

Observe o gráfico abaixo para responder os itens que seguem:

Figura 7: Gráfico do Censo 2010.



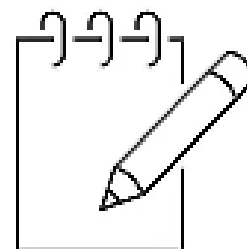
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991/2010



¹⁶ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia. **Indígenas**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>. Acesso em: 15 març. 2022.

Atividades para serem feitas no caderno:

1. O que os números da população indígena no gráfico indicam sobre esses povos nas últimas décadas?
2. Quais seriam as possíveis explicações para o significativo aumento da população indígena nas primeiras décadas do século XXI?
3. Compare os percentuais de indígenas que vivem nas zonas rurais e urbanas. O que os números mostram? O que esses números refletem sobre os povos indígenas da atualidade?
4. Quais são os possíveis motivos para que a categoria “indígena” só tenha aparecido no Censo a partir de 1991?



4. O ÍNDIGENA PELO ÍNDIGENA

Professor(a), a previsão para este módulo é de quatro aulas.

Neste bloco de atividades, o objetivo é explorar textos de diversos sujeitos indígenas, de modo a ouvir suas vozes para que mostrem sua sócio-história a partir de seu próprio ponto de vista.

Atividade 1: Discurso de Txai Suruí

Professor(a), será apresentado o vídeo com o discurso da indígena Txai Suruí, na COP26. Para contextualizar o vídeo, faz-se necessário explicar o que é esse evento e sua importância na esfera global. Também é interessante conhecer um pouco da biografia de Txai, bem como o impacto que seu discurso causou.

Para introduzir o texto

Txai Suruí tem 24 anos e mora no estado de Rondônia, Brasil. É do povo Paiter Suruí e fundadora do Movimento da Juventude Indígena no estado. Txai é estudante e ativista da causa indígena. Representou seu povo na *26ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas da ONU (COP26), que aconteceu em Glasgow, na Escócia, de 01 a 12/11/2021*. Ela chamou a atenção do mundo com o discurso que proferiu na abertura oficial da COP 26¹⁷.

¹⁷ Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?80429/Txai-Surui-jovem-indigena-brasileira-acaba-de-discursar-na-abertura-da-COP26>. Acesso em: 30 mar. 2022

Vamos assistir ao discurso de Txai e entender porque ele causou tanta comoção.

Figura 8: Discurso de Txai Suruí.



Link do discurso: www.youtube.com/watch?v=1gnUH7HNBAU&t=24s

Professor(a), após assistir ao discurso de Txai Suruí na COP26, será feita uma interação oral acerca das informações abordadas pela indígena. Essas primeiras questões servem apenas para começar a explorar o texto, portanto são mais gerais e, provavelmente muitos alunos não saberão as respostas, pois talvez não seja de seu conhecimento de mundo. Procure elucidar o que achar relevante, especialmente no que concerne à COP 26 e sua importância.

Depois dessa interação inicial, os alunos deverão responder, no caderno, algumas questões apontadas adiante.

Perguntas para interação oral:



1. Vocês conhecem o evento Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas da ONU (COP26)? Sabe do que se trata? Quais são os possíveis aspectos discutidos nessa conferência? Quem são os participantes? Quais são os desdobramentos?
2. Ao longo do discurso, aparecem alguns participantes da conferência. Vocês os conhecem? Sabem quem eles são?

3. Vocês já ouviram falar de Txai Suruí? Sabiam da existência do povo Paiter Suruí? Sabem em que região esse povo vive?

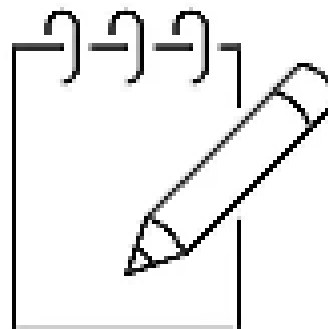


4. Txai está vestindo roupas e acessórios relacionados ao seu povo. Isso pode colaborar para a mensagem que ela pretende passar? Por quê?

5. Quanto à língua por ela utilizada – a língua inglesa – de que maneira isso colabora para os efeitos de sentido da mensagem que Txai quer passar?

6. Afinal, que mensagem encontramos no discurso da ativista? Por que a participação de Txai chamou a atenção no cenário global?

Perguntas para responder no caderno:



1. Você concorda com a fala de Txai: “Devemos estar nos centros das decisões”, ou seja, os indígenas devem estar no centro das discussões acerca das ações relacionadas a causa ambiental? Os indígenas podem colaborar na proteção do meio ambiente?

2. O Relatório “Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil”¹⁸, que é publicado anualmente pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), constatou um aumento de invasão de terras indígenas em 2020 e que as mortes tiveram alta de 63%. Esses dados mostram que os indígenas estão no centro das decisões conforme a fala de Txai? Como você chegou a essa conclusão?

¹⁸ CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Relatório** – Violência contra os povos Indígenas no Brasil – Dados de 2020. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/wp-content/uploads/2021/11/relatorio-violencia-povos-indigenas-2020-cimi.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2022.

Atividade 2: Meme indígena

Professor(a), nesta atividade será realizada a leitura de um meme indígena.

O meme em questão foi retirado de uma rede social, contudo não podemos apontar nem quando nem em que site ele foi publicado pela primeira vez, já que conforme Rojo (2015), “A web 2.0 muda o fluxo de comunicação e, em tese, acaba com a cisão produtores/leitores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis, originando o que Rojo (2013) denomina *lautor*.” (ROJO, p. 119). A produção na internet, especialmente a do meme, usa a prática de remixagem e hibridização, assim os textos são compartilhados de forma que nem sempre seja possível precisar onde, quando e como surgiram. Apesar disso, se prestam a comunicar, passar informações a partir do sujeito que o compartilha.

O meme deve ser exposto via Datashow, caso não seja possível, podem ser providenciadas cópias impressas.

Para introduzir o texto

Vamos fazer a leitura, tendo como base a publicação na página indígena chamada *indigena_memes*, da rede social *Instagram*. Essa página apresenta compartilhamentos relacionados à cultura indígena, é administrada por Elison Santos, indígena dos povos Pipipã e Pankará (PE – DF). Contudo não podemos precisar nem quando nem em que site o meme foi publicado pela primeira vez, apesar disso, se presta a comunicar a partir do sujeito que o compartilha, no caso um indígena.

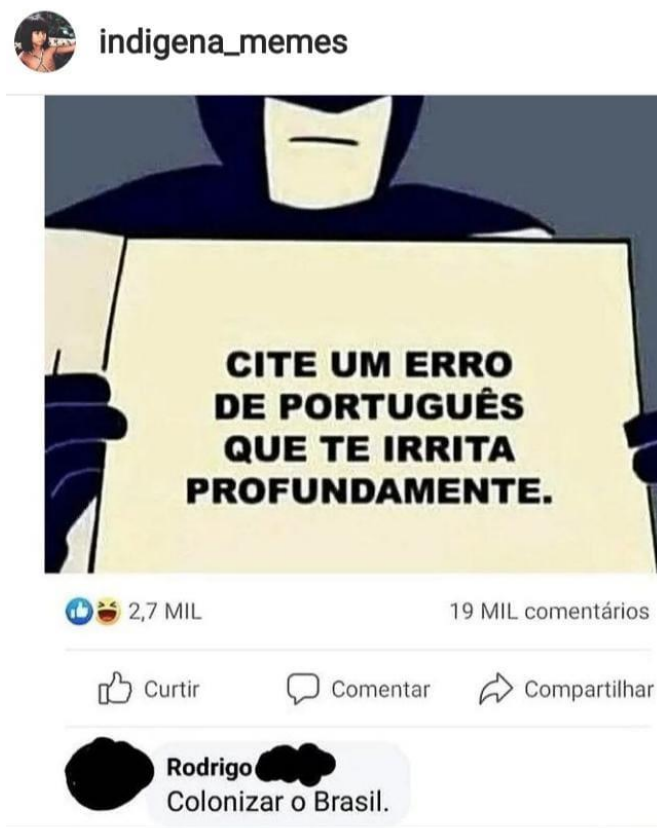
Vocês já leram algum meme indígena?

Vocês já conheceram algum indígena que usa tecnologias digitais e a internet para se manifestar?



Vamos à leitura do meme:

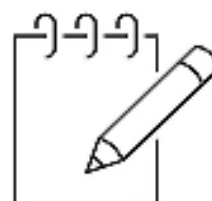
Figura 9: Meme indígena.



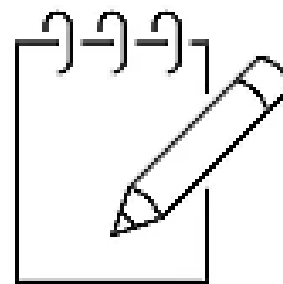
INDIGENEALIZOU. Oh ódio!!!. 28 set. 2021. Instagram: @indigena_memes.
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUXgEUGL3ww/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Perguntas para responder no caderno:

1. Observe os ícones, os números, os comandos, borrões etc. Que práticas próprias da web o meme apresenta?
2. O meme apresenta que figura? Essa figura tem relação com a mensagem veiculada no meme? Você já viu essa figura em algum outro meme?
3. Considerando que a página é de um usuário indígena, com que objetivo esse meme foi compartilhado?



4. Tanto no poema de Drummond (estudado no módulo anterior) quanto no meme, encontramos a expressão “erro de português”. Quais os possíveis sentidos dessa expressão são explorados no meme?



5. Você concorda que a colonização pode ser considerada um erro “de português”, ou melhor, que os portugueses não deveriam ter colonizado o Brasil? Por quê?

Atividade 3: Videoclipe *Não sou índio pra gringo ver*, de Edivan Fulni-ô

Professor(a), esta atividade explora um videoclipe com a música de um sujeito indígena que usa sua arte para manifestar seus anseios como indígena.

Para introduzir o texto

O videoclipe que vamos assistir é de Edivan Fulni-ô, indígena da etnia Fulni-ô por nascença e Pataxó por vivência, que se autodeclara indígena preto. Característica que faz questão de afirmar atualmente, ao contrário de anos anteriores em que passou negando e escondendo a sua identidade. Ele usa a música como ferramenta para explorar questões indígenas¹⁹.

Vamos assistir ao videoclipe da música *Não sou índio pra gringo ver*.

Figura 10: Videoclipe Não sou índio para gringo ver.



Link do videoclipe: www.youtube.com/watch?v=Sp5TMgXbxjo

¹⁹ Disponível em: <https://www.virgula.com.br/musica/a-musica-me-ajudou-a-me-assumir-indigena-e-preto-edivan-fulni-o-conta-sua-trajetoria-como-artista-indigena/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

Vamos ler também a letra da canção.



Não sou índio pra gringo ver

Olha esse índio vestindo uma roupa social com óculos de grau
Olha esse outro de tênis caminhando em nossa direção
Funcionários de circo, devem ser palhaços esses cidadãos
Cambada de delinquentes querendo burlar a legislação

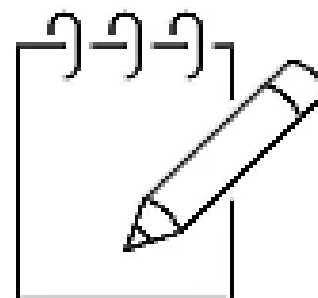
Eu não sou índio pra gringo ver
Minha essência, além das aparências
Vou gritar até você me ouvir
O respeito
É uma coisa que você vai ter por mim

Calça jeans, sapatos engraxados, óculos de grau, camisa social, cinto na cintura
Relógio no pulso, não define quem eu sou
Flor de Lis, é o aroma que invade o ambiente
Da imoralidade resistente da sociedade
Eu não sou índio pra gringo ver
Minha essência, além das aparências
Vou gritar até você me ouvir
O respeito é uma coisa que você,
É uma coisa que você
Vai ter por mim



Após assistir ao videoclipe e ler a letra da canção, responda as seguintes questões:

1. O vídeo mostra a rotina de um indígena.
 - a) Como é essa rotina? Quais os possíveis efeitos de sentido que o videoclipe propõe ao mostrar essa rotina?
 - b) Ao longo do vídeo, ao mostrar a rotina do indígena, que aspectos chamam a atenção em relação à vida do sujeito retratado?
 - c) O videoclipe finaliza com um ritual indígena próximo ao fogo. Que efeitos de sentido esse final pode promover?
2. Quanto ao estilo musical, caso a letra da canção não remetesse aos indígenas, que elementos poderiam remeter à essa temática?
3. Na canção, o indígena explora um discurso presente na sociedade, para o contrapor. Resumidamente o que esse discurso não indígena apresenta?
4. Para mostrar a crítica sofrida pelo indígena urbano, o sujeito cita uma série de substantivos que nomeiam objetos usados pelo indígena. De que maneira esses objetos funcionam como crítica ao povo indígena?
5. Segundo o Censo 2010, 30% dos indígenas vivem na cidade. Você conhece algum indígena que tenha modo de vida urbano conforme os retratados no videoclipe? O que você acha disso?
6. Na letra da canção, aparece a expressão “essência além da aparência”. Podemos dizer que há uma relação de antítese nessa expressão. Que sentidos essa expressão tem no texto?
7. Qual o efeito de sentido da expressão “índio pra gringo ver”?



Atividade 5: Poema *Brasil*, de Eliane Potiguara

Professor(a), nesta atividade, teremos a leitura de um poema de autoria da reconhecida escritora indígena Eliane Potiguara.

Para introduzir o texto

O poema foi escrito por Eliane Potiguara, que nasceu em 1950, escritora e professora, de origem potiguara, fundadora da primeira organização de mulheres indígenas no país (GRUMIN/Grupo Mulher-Educação Indígena) e coparticipante da criação e evolução do Movimento Indígena Brasileiro. Foi eleita uma das 10 mulheres do ano no Brasil (1988), participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU em Genebra. É escritora premiada e reconhecida internacionalmente²⁰.

Figura 11: Eliane Potiguara.



Fonte: www.elianepotiguara.org.br.



Vamos ler o poema “Brasil”, de Eliane Potiguara.

Brasil

Que faço com minha cara de índia?

E meus cabelos

E minhas rugas

E minha história

E meus segredos?

Brasil, o que faço com minha cara de índia?

Não sou violência

Ou estupro

Que faço com minha cara de índia?

E meus espíritos

E minha força

E meu Tupã

E meus círculos?

Eu sou história

Eu sou cunha

Barriga brasileira

Ventre sagrado

Povo brasileiro.

Que faço com minha cara de índia?

E meu toré

E meu sagrado

E meus “cabocos

E minha Terra?

Ventre que gerou

O povo brasileiro

Hoje está só...

A barriga da mãe fecunda

E os cânticos que outrora cantavam

Hoje são gritos de guerra

Que faço com minha cara de índia?

E meu sangue

E minha consciência

E minha luta

E nossos filhos?

Contra o massacre imundo

(POTIGUARA, Eliane. Disponível em:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/brasil/index.html. Acesso: 10 abr. 2022)



Para a leitura do poema, os alunos serão divididos em pequenos grupos. Cada grupo deverá responder os itens a seguir:

1. A primeira parte do poema (1ª a 5ª estrofes) é construída por um aparente questionamento de uma indígena para o Brasil. Resumidamente, o que ela questiona? Como pode ser definido esse Brasil que ela questiona?

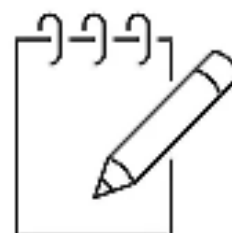


2. Já a segunda parte (6ª a 8ª estrofes) é construída por afirmações que a indígena faz sobre si mesma ao Brasil. Nessas afirmações, foram usadas repetidamente expressões relacionadas com a maternidade como “barriga brasileira” e “ventre sagrado”. Que imagem o discurso indígena sugere de si mesmo a partir desses termos?

3. Levando em consideração a biografia da autora Eliane Potiguara, percebemos um discurso envolto em aspectos femininos. Apesar disso, a imagem que se passa pode representar os indígenas de forma mais geral? Por quê?

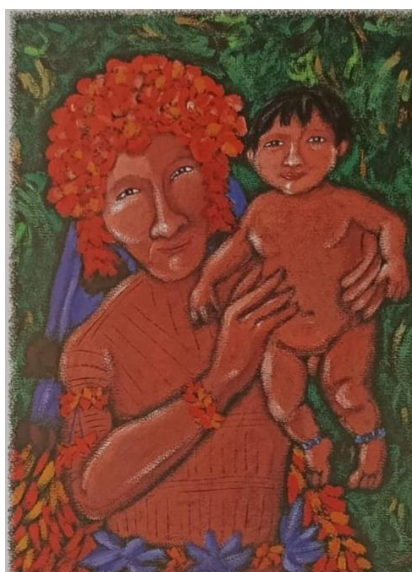
4. Ao longo do poema, aparece reiteradamente a questão “Que faço com minha cara de índia?” Quais seriam os possíveis objetivos de enfatizar essa questão? Por que foi usado o termo “índia” ao invés de indígena?

5. Na última estrofe, é feita uma contraposição entre passado e presente. Levando em conta nosso contexto histórico, quais são os sentidos possíveis para essa contraposição?



Atividade 6: Conto *O menino que sabia sonhar*, de Daniel Munduruku

Figura 12: Ilustração do conto



Fonte: MUNDURUKU, Daniel. História de índio. Schawarcz: São Paulo, 2013

Professor(a), para finalizar este módulo, teremos um conto voltado para o indígena que vive na floresta: *O menino que não sabia sonhar*, de Daniel Munduruku. Por se tratar de um conto longo, a leitura deve ser realizada como tarefa de casa. A intenção, além de explorar a temática indígena, é oportunizar um momento de leitura um pouco mais longa, em ambiente fora da sala de aula.

O conto deve ser disponibilizado no módulo 2, logo após trabalhar a crônica do mesmo autor para que haja tempo para os alunos realizarem a leitura. Junto ao conto também deve ser disponibilizado um glossário com os termos indígenas amplamente explorados na história.

Após leitura em casa, conforme organização prévia, no segundo momento, farão uma roda de leitura compartilhada, dividindo as informações e impressões sobre a história. Por fim, farão uma atividade explorando os elementos da narrativa, uma vez que esses aspectos colaboram para a apropriação dos sentidos da história, bem como para compor o repertório de leituras a respeito da temática indígena. O conto, além de narrar a história do menino Kaxi, do povo Munduruku, também mostra costumes indígenas. Desse modo, os momentos da narrativa estão relacionados a ritos de passagem do povo indígena.

O conto encontra-se nos anexos juntamente com um glossário dos termos da língua munduruku utilizados no conto.

Vocês receberam o conto indígena *O menino que não sabia sonhar*, de Daniel Munduruku, para leitura em casa. Espero que todos tenham realizado a leitura. Seguem atividades propostas para o conto.



Questionário sobre o conto:

1. O conto se passa em que local? Como é esse espaço? Considerando que o conto explora os costumes indígenas, de que maneira o espaço colabora para mostrar esses costumes?
2. Que elementos da história podem dar pistas de se tratar da época atual? Aproximadamente, quanto tempo dura a história?
3. Na história, o menino está sempre rodeado de pessoas, por que isso ocorre?
4. O narrador é em terceira pessoa e onisciente, isto é, conhece tudo, inclusive os pensamentos das personagens. De que forma isso contribui para o entendimento da história e do próprio povo indígena?
5. Qual é o conflito gerador da história, isto é, o que faz com que Kaxi seja um garoto especial para a tribo?
6. O clímax – ponto alto do conflito – retrata o momento em que Kaxi teve a comprovação que poderia ser pajé. Que momento foi esse?
7. O desfecho apresenta um novo ciclo que se inicia. Que desfecho é esse?
8. Ao longo do texto, destacam-se termos em língua indígena. De que maneira esses termos contribuem para a construção do sentido do conto?
9. O conto trata dos ritos de passagem para a maioria do indígena. E na maioria do não indígena, quais situações poderiam ser comparadas a esses rituais de iniciação à vida adulta?
10. Qual(is) costumes indígenas demonstrados no conto você não conhecia? Qual(is) chamou mais sua atenção e por quê?
11. Além de mostrar a cultura indígena, o conto também explora a relação do não indígena com a natureza e, conseqüentemente, com os indígenas. Como é essa relação?
12. Alunos, tivemos oportunidade de ler duas obras do escritor Daniel Munduruku, por sua importância e reconhecimento não só no mundo literário, bem como no cenário nacional, que tal visitar suas redes sociais e conhecer um pouco mais desse grande autor indígena?



Para ir além

Redes sociais do autor:

Instagram: @danielmundurukuoficial

Youtube: youtube.com/dmunduruku

Facebook: facebook.com/danmunduruku

Email: dmunduruku@gmail.com

(Fonte: danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html)

Professor(a), no trabalho com textos literários, foram exploradas duas obras do escritor Daniel Munduruku, por sua importância e reconhecimento não só no mundo literário, bem como no cenário nacional. Assim, ao serem expostas suas redes sociais, poderá ser promovida maior proximidade com o autor e, por conseguinte, com o sujeito indígena.

5. COMO VEJO OS INDÍGENAS AGORA?

Professor(a), a previsão para este módulo é de duas aulas.

Neste último módulo, é hora de verificar uma possível ampliação da visão do aluno sobre os indígenas. Primeiramente, serão distribuídos os questionários respondidos por eles no módulo 01, e os alunos serão instruídos a ler suas respostas e fazer uma tabela comparativa a partir disso, tendo como base os elementos na tabela abaixo.

Professor(a), após realizar essa atividade comparativa, os alunos compartilharão seus resultados com colegas de sala, a partir de uma roda de conversa. Por fim, podem ser confeccionados cartazes com informações que julgarem mais relevantes sobre os indígenas para serem fixadas no mural da escola.



Atividade 1: Tabela comparativa

Vocês se lembram do questionário que responderam no início de nossa proposta de leitura, no módulo 1? Vamos dar olhada nesse questionário?

Agora, a partir de suas respostas no questionário inicial e conforme seus estudos ao longo das atividades realizadas em cada módulo, completem a tabela comparativa abaixo. Procurem observar com atenção as possíveis mudanças no seu conhecimento sobre a temática indígena a partir da comparação promovida pela tabela.

Após realizar a atividade, compartilhem e discutam com os colegas.

Quadro 1: Quadro comparativo

Povos	
Imagem que eu tinha	Imagem que eu tenho agora
Língua	
Imagem que eu tinha	Imagem que eu tenho agora
História	
Imagem que eu tinha	Imagem que eu tenho agora
Modo de vida	
Imagem que eu tinha	Imagem que eu tenho agora
Profissão	
Imagem que eu tinha	Imagem que eu tenho agora
História	
Imagem que eu tinha	Imagem que eu tenho agora

Fonte: a autora, 2023.

REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA REAL. **Discurso de Txai Suruí**, 2022, 2min11seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1gnUH7HNBAU&t=24s>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ANTUNES, I. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BRANDÃO, H.H.N. **Analisando o discurso**. Museu da Língua Portuguesa. Estação da Luz. 2009. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf. Acesso em: 22 jan. 2013.

BRANDÃO, H.H.N. **O leitor: co-enunciador do texto**. Polifonia, Cuiabá, n. 01,1994.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: a educação é base**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CASSANO, M.G. A perspectiva discursiva da leitura e algumas considerações relativas ao seu ensino/aprendizagem na Educação Fundamental. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 63-82, 2003.

CAVALCANTI, M.C. Línguas ilegítimas em uma visão ampliada de educação linguística. *In*: ZILLES, A. M. S.; et al. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. Parábola editorial, São Paulo, 2015.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Relatório** – Violência contra os povos Indígenas no Brasil – Dados de 2020. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/wp-content/uploads/2021/11/relatorio-violencia-povos-indigenas-2020-cimi.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2022.

CORACINI, M.J. Leitura: decodificação, processo discursivo...?. *In*: CORACINI, M. J. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 2010.

CUNHA, R.C.S.; SOUSA, I.M.L.; BASTOS, V.V. A representação dos Povos Indígenas em livros didáticos de Língua Portuguesa. **Revista Digital dos programas de pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS**. Feira de Santana, v. 18, n. Especial, p. 10-29, 2017.

DI RAIMO, L.C.F.D.; STEFANIU, L.F. Encaminhamentos para uma abordagem discursiva de leitura em sala de aula: o Corcunda de Notre Dame em diferentes materialidades. *In*: ANGELO, C.M.P.; MENEGASSI, R.J.; FUZA, A.F. **Leitura e ensino de língua**. São Carlos: Pedro e João, 2022.

FARIA, F.D; SOUZA, F.O.; FRANÇOZO, J; ARAUJO, S.P. **A representação dos povos indígenas no livro didático do Ensino Médio**. Língua, Literatura e Ensino, v.2, 2007.

FULNI-Ô, E. **Não Sou Índio Pra Gringo Ver**, 21/06/2020, 3min35seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sp5TMgXbxjo>. Acesso em: 15 abr. 2022.

FUNARI, P.P.; PIÑÓN, A. **A temática indígena na escola**: subsídios para os professores. São Paulo: Contexto, 2020.

GAUDÊNCIO, J.S. **Niède Guidon**: a cientista brasileira responsável pelo tesouro arqueológico nacional. v.18 (especial), p.76-86, 2018.

GERALDI, J.W. Da redação à produção de textos. *In*: GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia. **Indígenas**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

INDIGENEALIZOU. Oh ódio!!!. 28 set. 2021. **Instagram**: @indigena_memes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUXgEUGL3ww/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JESUS, Daniela. “A música me ajudou a me assumir indígena e preto”, Edivan Fulni-ô conta sua trajetória como artista indígena. **Vírgula**. 24/08/2021. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/musica/a-musica-me-ajudou-a-me-assumir-indigena-e-preto-edivan-fulni-o-conta-sua-trajetoria-como-artista-indigena/>. Acesso em: 30 maio 2022.

JURADO, S.; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed., 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

LEFFA, V.J. **Aspectos de leitura**: uma perspectiva psicológica. Porto Alegre: Sagra - D. C. Luzzatto Editores, 1996.

LEFFA, V.J. Perspectiva no estudo da leitura. Texto, leitor e interação social. *In*: LEFFA, V.J.; PEREIRA, A. E. **Ensino de leitura e produção textual**: alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999.

MAHER, T.M. Sendo *índio* na cidade: mobilidade, repertório linguístico e tecnologia. **Revista da Anpoll**, n. 40, p. 58-69, 2016.

MENEGASSI, R.J. Conceitos de leitura. *In*: MENEGASSI, R.J. **Leitura e ensino**. Formação de professores EAD. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.

MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

MUNDURUKU, D. **A esperança como projeto**. Disponível em: shorturl.at/lrzTX. Acesso em: 27 out. 2021.

MUNDURUKU, D. **Histórias de índio**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2013.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. *In*: ORLANDI, E.P; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ORLANDI, E.P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

ORLANDI, E.P. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

OSÓRIO, R. G. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília: IPEA, Governo Federal, ISSN 14 – 4765. Texto para discussão nº 996, 2003. <http://repertorio.ipea.gov.br/handle/11058/2958>, acesso em 01/07/2022.

PEÑA, L. Índios. **Polêmica em Campo Mourão: moradores são contra terreno para indígenas em bairro da cidade**. CBN Maringá, 17/06/2021. Disponível em: <https://www.cbnmaringa.com.br/noticia/polemica-em-campo-mourao-moradores-sao-contra-terreno-para-indigenas-em-bairro-da-cidade>. Acesso em: 19 dez. 2021.

PETRILLO, A.A.P. **DJ ALOK. ALOK on Global Citizen Live Amazon (2021)**. Alok. 2021, 9min23seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3GIGj6j3SFU>. Acesso em: 25 out. 2021.

POTIGUARA, E. **BRASIL**. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/brasil/index.html. Acesso: 10 abr. 2022.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.gov.br. Acesso em: 17 dez. 2021.

ROJO, R.; BARBOSA, J.P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

SANTOS, J.S. Leitura numa perspectiva discursiva na formação docente: alguns questionamentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 129-153, jan./abr. 2010.

SCHWARCZ, L. **Aula O descobrimento do Brasil?**. 2022, 3min3seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9TPDXL1fc>. Acesso em: 25 maio. 2022.

SCHWARCZ, L. **Bibiografia**. 2022. Disponível em: <https://www.liliaschwarcz.com.br/conteudos/visualizar/Biografia2>. Acesso em: 25 maio. 2022.

SILVA, C. P.; GRECO, E. A. **O ensino da leitura na perspectiva discursiva**: uma proposta de leitura de propaganda institucional. *In*: Simpósio de Variação Linguística e Ensino, de 6 a 8 de nov. 2019, p. 388-40, Maringá: PLE/UEM, 2019.

SILVA, E. Ensino e sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008. **Caicó**, v. 15, n. 35, p. 21-37, 2014.

SILVA, E.T. **De olhos abertos** – reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, H.X. Erro de português: em verso e reverso. *In*: **COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS**, Londrina:UEL, **Anais Eletrônicos**, p. 195-2017.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais Petrópolis: Vozes, 2000.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre:Penso, 2014.

RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIA. **Série Índios do Brasil** – Episódio Quem são eles? Da TV Escola, 2022, 17min37seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SAM7lazyQc4>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WWF. **Txai Suruí, jovem indígena brasileira, acaba de discursar na abertura da COP26**. CBN Maringá, 01/11/2021. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?80429/Txai-Surui-jovem-indigena-brasileira-acaba-de-discursar-na-abertura-da-COP26>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ANEXOS

Conto indígena *O menino que não sabia sonhar*, de Daniel Munduruku

O menino que não sabia sonhar

O escolhido

O pajé olhou com muito amor aquela criança que acabara de nascer. Sorriu e pensou na grande tarefa que teria pela frente: educar o menino na arte da pajelança, na tradição de seu povo, na religião. Ele o ensinaria a falar com os espíritos dos antepassados, a conduzir o seu povo na sabedoria, retidão e justiça, assim como o próprio pajé fazia havia anos.

O menino seria o herdeiro e o guardião da cultura que atravessou os séculos, passada de geração a geração pela memória dos antepassados, que contavam as histórias da criação do mundo; por meio dele os antepassados falariam ao povo e este obedeceria ao comando da sabedoria do guardião.

O velho pajé, ao ser despertado de sua reflexão por alguém que o chamava, sorriu um riso iluminado e feliz, e olhou com esperanças o futuro de seu povo.

Chegando a sua “uk’a”, o pajé chamou os pais do menino e disse:

– Meus parentes, ouçam com atenção o que lhes vou dizer: a alegria reina em meu coração, pois os espíritos de nossos sábios que nos antecederam sorriram para mim. Em meus sonhos eles disseram que nosso povo será perpetuado graças à criança que hoje nasceu. Ela é uma benção dos céus para nosso povo. Ela será grande, um Grande Espírito que falará com sabedoria. Para isso é preciso que vocês concordem com a educação que pretendo passar a ela.

Os pais se entreolharam e sorriram, pois sabiam que isso fazia parte da tradição milenar. Sabiam que não podiam recusar o pedido do pajé para não desarmonizar o universo. Então responderam ao velho:

– Nosso filho é filho desta nação, portanto não podemos nem queremos contrariar a vontade do grande Espírito. Seja feita a vontade Dele. Concordamos. Entregaremos nosso filho quando chegar a hora – Dito isto se retiraram da presença do pajé, que permaneceu em sua *uru* afirmando que iria sonhar e agradecer aos antepassados.

A nomeação

Karu Bempô, o pajé, viu a criança nascer e crescer embalada pelo colo amoroso da mãe. Vez por outra ele ia até a *uk’a* de Kaxi e ficava muito tempo a contemplar o rosto meigo do afilhado e discípulo. Lembrava do dia em que dera o nome de kaxi para o pequeno numa cerimônia que acontece anualmente. Foi um nome inspirado pelos antepassados em um sonho. Recordá-lo com nitidez: achava-se no meio da mata coberta pelas grandes copas das árvores. Estava muito escuro e ele não conseguia ver por onde andava. Sentou-se para

descansar e sentiu a presença dos espíritos superiores, que lhe disseram: “Esteja atento, que as copas se abrirão e delas sairá o nome do menino”. Em seguida viu-se um pouco confuso por causa do que ouvira, porém não ficou preocupado, porque sabia que os espíritos jamais o haviam deixado sem resposta. Continuou a caminhar floresta adentro. De repente, estancou, pois percebera um estranho *kabido* soprando acima de sua cabeça. Olhou para cima e o que viu mostrou-lhe quão grande é a sabedoria dos antepassados. Viu a lua, com todo o seu brilho, como se estivesse sorrindo e dizendo-lhe: KAXI, KAXI. Então seria esse o nome do menino, Kaxi, a lua que brilha sobre os homens.

Na cerimônia em que batizou o garoto, Karu Bempô falou:

– Há muitas forças negativas que querem exterminar o nosso povo, a nossa cultura. Os *pariwat* vêm até nós com as promessas na ponta da língua. Prometem manter nossa tradição e nossos costumes, dizendo que são nossos *oboré*, que gostam dos índios, que somos os mais importantes habitantes desta terra e os verdadeiros brasileiros, mas o que fazem é sempre o contrário do que falam: destroem nosso povo e nossa cultura. Eles chegam com suas máquinas de problemas dizendo serem máquinas do progresso, trazem máquinas que falam e cantam mas não ouvem nosso cantar, vêm com seu papel que fascina e que chamam *ibubutpupuat* querendo comprar a alma do nosso povo.

Prometem aparelho que mostra a cultura do povo deles para a gente acreditar que são melhores que nós. Começaram a nos enganar com essas promessas, e trouxeram a dor, a divisão, a inimizade para o seio de nossa gente.

Poluíram nosso *idibi*, derrubaram o espírito de nossas árvores, expulsaram nossa caça. Hoje, temos que andar muitos quilômetros se quisermos comer carne boa, carne dos nossos animais: *bio*, *dapsem*, *dajekco*, *daje*, *hai*, *poy-iaju*, *pusowawa*. Temos que navegar para outros rios, se quisermos comer peixe bom, pois eles estragaram as margens do nosso Tapajós, fazendo nossos peixes irem procurar refúgio em outras águas; espantaram nossos *wasuyu*: *paro*, *parawá*, *uru*, *koru*, *aro*, *pukaso*, *ajora*. Mesmo assim continuamos a viver, a crescer. A cada ano nosso povo cresce e se fortalece. Nossa tradição nos ensina a lidar com a destruição trazida pelos *pariwat*.

O pajé, emocionado, parou de falar por um instante para, em seguida, concluir:

– Nosso povo não está e nunca estará exterminado. Não adiantará o homem branco nos exterminar, querer nos matar, pois nós renascemos das cinzas se preciso for para manter nossa história e a memória de nossos irmão que já morreram. deixem que eles nos imaginem à míngua e proclamemos bem alto que se um dia houver um último pôr do sol para os homens, nós, os filhos da terra, estaremos sentados sobre os montes para vê-lo acontecer.

– Dito isso, o pajé ergueu o pequeno Kaxi e o apresentou à comunidade como seu sucessor, aquele que seria o tutor do povo Munduruku após a sua união com os antepassados.

O modo de vida

Kaxi foi crescendo e passando a participar da vida social da aldeia Katõ. Até os cinco anos andava sempre muito próximo de sua *iri*, que o levava a toda a parte. Na época das *muba'at* aprendia com o pai a manusear os produtos da natureza que podiam protegê-lo quando chegasse a hora de sair de casa sozinho. Aprendia, também, a coletar *ixiwe*, *kio'uk*, palhas para confeccionar os *ictius* que as mulheres usariam no transporte de frutas, mandiocas e outros produtos. Os pais ficavam espionando para ver se ele confeccionava os *ictius* de maneira correta. Quando isso não acontecia, e o pequeno Kaxi se atrapalhava todo com os nós que precisava dar nos cipós, todos riam a valer, enquanto os mais velhos explicavam pacientemente o processo para o menino. Kaxi, certa feita, perguntou ao pai:

– *Bay bay*, por que é que quando chove todos nos reunimos aqui para aprender a fazer artesanato?

– *I'it*, a gente fica aqui porque a *muba'at* não permite que a gente saia *pigãgãm* ou caçar, ou que sua mãe vá à roça tirar a *musukta* para fazer farinha. Quando chove, o rio sobe e os peixes se escondem entre as raízes das árvores, e fica difícil encontrá-los. Os animais também fogem das águas do rio, procurando se abrigar em lugares secos. Por isso, eles às vezes ficam muito longe de nós e passa a ser perigoso para qualquer homem se aventurar mata adentro a fim de caçar. Quando chove, as mulheres também ficam em casa cuidando dos afazeres domésticos, pois, nesta época do ano, as cobras vão para os roçados e podem atacar as pessoas.

– Então é por isso que temos menos comida nesta época do ano?

– Exatamente. Nesta época, a comida tradicional, que é a caça e a pesca, escasseia e aí temos que recorrer à comida do *pariwat* ou nos alimentar com o que está ao nosso alcance, isto é, a farinha, frutas e as nossas pequenas criações como a *sapokay*.

Quando não estava aprendendo a fazer artesanato e enquanto estiava por um momento, Kaxi se punha a brincar com outras crianças de sua idade ou com seus irmãos menores. Pegava seu arco e flecha em miniatura – que fazia questão de dizer que ele mesmo fabricara e prometia uma espécie de torneio entre *bekitkit* a fim de testar a pontaria entre elas. Na época da seca ou na meia-estação – entre abril e setembro -, Kaxi acompanhava sua *ixi* no plantio de *musukta*, *wexik'a*, *akoba*, milho, cará, *kagã*, entre outras. Naturalmente isso acontecia após a coivara, trabalho masculino que consistia na derrubada e queimada de um

pedaço de terreno a que a comunidade chamava de roça. Cada roçado tinha um dono cuja tarefa era o plantio dos meios necessários à sua sobrevivência e de sua família.

Num desses dias de queimada, Kaxi, observando tudo tristemente, virou-se para sua *ixi* e perguntou-lhe:

– *Ixi*, é preciso mesmo derrubar tantas árvores para plantar *musuka* e outros alimentos? Elas parecem estar chorando de tristeza...

– Kaxi – disse-lhe a mãe –, a natureza sofre quando as pessoas a destroem por maldade. Nós não temos outra saída. Se não derrubarmos algumas árvores para fazer nosso roçado, acabaremos morrendo de fome, pois precisamos nos alimentar. Se nós plantarmos nosso alimento sob as árvores, não haverá sol para aquecê-los, e eles não crescerão e não ficarão fortes. A vida precisa de sol e água para manter-se. É por isso que plantamos agora, enquanto há sol, pois logo, logo virá a chuva para fortalecer nossas plantações. Não se preocupe, pequeno Kaxi, a mãe natureza sabe que nós não estamos fazendo isso por maldade, e sim por necessidade de sobrevivência.

Enquanto as mulheres cuidavam da *ku* e das tarefas domésticas, os homens se ocupavam das atividades de caça e pesca, coivara, artesanato em que confeccionavam os arcos e flechas que usariam nas caçadas e pescarias. Eles os usariam também, se preciso fosse, para a defesa da aldeia contra eventuais inimigos. Além disso, os homens se reuniam diariamente, nos fins de tarde, para conversar sobre política, sobre os feitos maravilhosos dos heróis criadores de humanidade. Contavam muitas piadas e riam bastante uns dos outros. Esse era um povo muito alegre e cheio de disposição para viver e conviver com a natureza numa harmoniosa sinfonia cósmica.

Kaxi participava sempre dessas conversas entre os homens e, desde criança, se punha a ouvir com atenção a história do contato entre brancos e índios, que resultou em muitas desgraças para a tribo. Percebia que o rosto dos adultos ficava sério quando falavam desse assunto. Um espírito de tristeza pairava sobre os presentes quando narravam as atrocidades que os *pariwat* cometiam contra os *baripnia* de outras nações só porque queriam se apossar das riquezas que havia no chão sagrado deles. Ouvia dizer que existiam pessoas que eram amigas dos índios e que os defendiam com palavras contra os inimigos dos povos indígenas. Aprendeu que os líderes da tribo procuravam se relacionar com essas pessoas amigas, a fim de que ajudassem a combater os invasores do chão sagrado do povo Munduruku. Bem verdade que Kaxi não entendia a gravidade dos relatos e muitas vezes dormia no colo de seu pai até o dia seguinte.

Algumas vezes Kaxi acompanhava as mulheres em suas andanças pelo mato atrás

de folhas para fazer remédio. Passou, por isso, a conhecer com cada vez mais profundidade as propriedades de cura das plantas e ervas que o povo consumia. Descobriu que existia uma espécie de planta para cada tipo de doença, tanto de homem quanto de mulher. Aprendeu a respeitar a natureza porque via nela um coração bondoso que oferecia a cura para todas as doenças. Começou a conversar com ela, compreendê-la em suas intenções, e ouviu seus desagravos às pessoas que a utilizavam para satisfazer interesses pessoais. Criou uma forte amizade com as árvores e plantas, e prometeu-lhes cuidar delas de todo o seu coração.

Kaxi também não esquecia das outras crianças e com elas brincava uma boa parte do dia. Logo pela manhã ele se juntava a outros meninos – pois os meninos sempre andavam juntos – e iam até o igarapé nadar, brincando ou competindo para aprimorar a coordenação motora. Os pais das crianças as incentivavam a agir dessa maneira, pois era uma forma de desenvolver os movimentos do corpo, treinar a agilidade corporal a aprender a viver em grupo.

Após o banho e a brincadeira, ele devia se ocupar de alguma tarefa com a mãe ou o pai. Não havia uma hora definida para começar esta atividade uma vez que Kaxi tinha percebido que os mais velhos diziam serem eles os senhores do tempo e não possuírem nenhum controlador do tempo – que ele descobriu mais tarde se tratar do *kaxinug* usado pelo homem branco para marcar horas. Às vezes, saíam bem cedinho para a roça ou para a caça e pesca, outras vezes iam só na parte da tarde, e outras, ainda, não iam a lugar nenhum, preferindo ficar em casa, conversando e pitando.

Quando voltavam dos seus afazeres, mais uma vez as crianças se reuniam e contavam o que tinham feito. Um contava que tinha ido pescar com o pai, outro, que tinha ido à roça com a mãe, carregado o cesto com mandioca para fazer beiju ou jogado massa no tipiti. Depois de todos terem falado sobre suas atividades, iam até o rio e tomavam um gostoso banho, não sem fazer um grande alarido imitando *wasuyu*, *po'y'iyayn* e outros bichos que eles conheciam.

Após o banho todos se reuniam em torno da fogueira que era acesa no meio do terreiro e passavam a conversar. Kaxi, pela simples observação, conseguia entender que estava sendo instruído no modo de vida de seu povo. Recordou que, um dia, seu pai lhe dissera que os brancos aprendem o seu modo de ser indo a um lugar a que chamam de escola, onde ficam sabendo tudo o que precisam sobre sua cultura, e isso lhes dá prestígio e poder sobre os demais homens. Kaxi achava estranha essa maneira de aprender, uma vez que as crianças não andavam pela floresta, não imitavam os pássaros, não sabiam fazer arapuca

ou uma armadilha qualquer, e tudo lhes era dado pelo papel pesado a que chamavam dinheiro. Kaxi ficava pensando como deveria ser ruim aprender assim, pois as crianças tinham que ficar longe dos pais e nunca conheceriam a *jexeyxey*.

Durante a noite, Kaxi ouvia todas as histórias que o pajé contava sobre o início da civilização. Muitas vezes, ou melhor, quase sempre, já que os mais velhos não tinham hora para interromper a conversa, adormecia no colo da mãe.

Os rituais religiosos

À medida que crescia, Kaxi ia sendo iniciado nos costumes tradicionais de sua tribo. Falava a gíria – expressão que os não índios usam para se referir à língua dos índios –, caçava, pescava, plantava e colhia junto com os adultos. Aprendia sempre mais sobre a história dos antepassados, sobre todas as guerras travadas entre as várias tribos, sobre as pinturas e tatuagens corporais, sobre tudo aquilo que integrava a cultura de sua nação.

Kaxi percebia, sobretudo, os vários rituais que aconteciam na aldeia. A maioria desses rituais era dirigida pelo pajé: nomeação das crianças – ou batismo, como era chamado pelos missionários que Kaxi conhecera –, cura de doenças graves, ritos de purificação, cerimônias de casamento, ritos de iniciação dos jovens na vida adulta e, principalmente, o momento solene do enterro dos mortos. Aprendeu que a cada etapa da vida deve-se passar por um ritual de introdução a fim de que seja possível alcançar as graças da comunidade, comprovar a preparação para a nova fase da vida, demonstrar capacidade de sobreviver sem a presença de seus pais e, sobretudo, receber a graça de Deus.

Não dava para não ficar impressionado com o impulso religioso do povo mesmo fazendo parte dele. Kaxi, nos seus dez anos de idade, considerava extremamente bonita a índole do seu povo quando se tratava de venerar o espírito de seus antepassados, de resgatar os ideais míticos, de alcançar o estado de êxtase e de tornar-se um espírito cheio de sabedoria. Era assim que Kaxi se sentia quando participava dos rituais: em êxtase!

Kaxi já acompanhava alguns rituais desde o momento em que se entendera por gente. Vira muita coisa, mas compreendia pouco do que via. Foi em virtude de sua curiosidade que Kaxi se aproximou de seu padrinho Karu Bempô e perguntou à queima-roupa:

– Padrinho, o que o senhor estava fazendo no corpo daquela mulher?

O pajé, cansado em consequência do trabalho que realizara, sorriu para o menino e disse-lhe:

– Pequeno pajé, passe amanhã em minha *uk'a*. Antes, porém, vá até o mato e traga algumas folhas de fumo para mim.

Kaxi respondeu:

– Amanhã estarei lá quando o sol se encontrar no seu ponto mais alto.

Naquela noite, Karu Bempô teve o presságio de que estava chegando a hora de começar a preparar o garoto para a missão que o esperava. Ele chegou a isso por meio de um sonho estranho.

O pajé sonhou que era uma grande ave e sobrevoava a Amazônia. Durante o voo teve a oportunidade de ver grandes clareiras na mata, viu máquinas que comiam as árvores, viu as águas do rio ficarem avermelhadas devido aos líquidos que os brancos jogavam na água; viu a mata chorando e o espírito da floresta sangrando por causa da dor. Visitou vários povos amigos e inimigos, e viu a deterioração cada vez mais adiantada da cultura daqueles parentes. Voou para junto de seu povo e o viu desorientado pela aproximação de brancos que insistiam em manter novos contatos. Viu sua gente fugindo de sua terra, largando o solo sagrado dos antepassados em razão do medo e da ausência de um espírito que fortalecesse o povo e lhe desse coragem de lutar pelo chão. O velho pajé metamorfoseado em ave, aproximou-se mais do solo e viu a si mesmo agonizando e incapaz de auxiliar sua gente. Assustado, o pajé espantou-se de seu sonho e acordou. Ergueu-se da rede, caminhou até o terreiro, fixou uma das casas construídas de forma artesanal e chorou. Chorou pela alma das árvores derrubadas sem direito de defesa. Retornou à sua rede e sentiu que chegara a hora de preparar o espírito de Kaxi para ajudar o povo a lutar.

No dia seguinte, ao meio-dia, Kaxi postou-se em frente à *uk'a* do pajé e o aguardou. Ele sabia que jamais uma criança pode apressar um ancião e que cabia a ele esperar o tempo que fosse necessário. Pouco depois, o pajé o chamou para entrar. Kaxi sentou-se, enquanto o pajé andava pela casa jogando baforadas de fumaça, como se estivesse purificando o espaço. Lá dentro ardia um fogo constante e monótono.

Karu Bempô aproximou-se de kaxi e, depois de lançar algumas baforadas sobre o menino, disse-lhe:

– Pequeno pajé, é hora de contar-lhe um segredo ainda não revelado a você. Estamos vivendo um momento delicado e perigoso. Nosso povo corre um sério risco, o de não ter continuidade. Há pessoas que querem acabar com nossa cultura roubando as riquezas que enfeitam os cabelos de nossa mãe Terra. Para elas, o que existe sob a terra é para explorar e assim ganhar riquezas materiais. Os *pariwat* não compreendem que estão rasgando o coração de nossa mãe quando abrem clareiras nas matas a fim de conseguir ouro. Para eles nossa mãe não tem valor. – Depois de uma pausa, o ancião continuou:

– Você sabe que nosso povo sempre foi amistoso com os *pariwat* e sempre procurou

ajudá-los no que foi possível. Isso enfraqueceu nosso espírito guerreiro, pois os homens brancos se aproveitaram da nossa fraqueza e acabaram contaminando nossa gente, criando rivalidades. Nosso povo está sofrendo. Precisamos de alguém que tenha a sabedoria dos velhos, dos espíritos antepassados, e a juventude do guerreiro, e possa ir ajudando nosso povo a resistir com bravura. Os espíritos dos antepassados o escolheram para ser este líder. Mas não precisa assustar-se, porque não será tão imediatamente assim. Irá demorar um pouco, porém você precisa começar sua instrução a fim de saber mais e, acima de tudo, aprender a sonhar.

Kaxi ficou parado sem saber o que falar ou pensar. Nos seus poucos anos de vida, já ouvira falar das coisas que o pajé tinha mencionado, pois sempre participara das conversas dos adultos, mas tinha muitas dúvidas. Sabia, no entanto, que quando um pajé fala, por intermédio dele estão falando os espíritos dos antepassados. Portanto, havia verdade no que dissera o velho sábio.

– O que tenho que fazer? – acabou perguntando o jovem índio.

– A partir de agora você ficará sob minha guarda. Serei seu guia e lhe passarei o conhecimento necessário para enfrentar tudo com coragem e certeza.

– E meus pais?

– Seus pais já sabiam que isso iria acontecer.

– Por que eu?

– Não sei – disse secamente o pajé. – Nosso destino não é determinado por nós mesmos. Somos guiados pelos antepassados e, muitas vezes, exigem-nos coisas que não entendemos.

– E tenho condições para me tornar um líder? – perguntou, curioso.

– Todos têm. Aprender não é difícil. É mais difícil dispor-se a aprender e a aprender direito, com vontade, e saber que o que se faz não é para si mesmo e sim para toda a uma comunidade que confia em seu trabalho.

Depois desse curto diálogo, Kaxi levantou-se, olhou carinhosamente para o pajé e disse:

– Estou pronto, padrinho, que seja como querem os espíritos.

A iniciação

O pajé é um líder religioso. É ele quem preside os rituais mais importantes da tribo, pois está investido de um poder que não é dele, mas das forças cósmicas que atuam por meio dos antepassados. Quem ouve o pajé, ouve o próprio Deus, aceita e segue seus

conselhos. O pajé é uma grande energia presente na aldeia. Sem o pajé a tribo se enfraquece, já que não terá o alicerce que mantém o equilíbrio das forças espirituais. Sem pajé fica faltando a sabedoria dos anciãos e a tribo se divide. Você foi escolhido para ser pajé a fim de dar continuidade à tradição secular do nosso povo. Caberá a você querer esta orientação. – Foi dessa maneira que o pajé iniciou o menino na arte da pajelança.

A partir daquele dia Kaxi passou a acompanhar o pajé em todos os cantos aonde o líder religioso ia. Muitas vezes ficava dias e dias na casa dos homens sozinho a pensar sobre os ensinamentos do pajé. Karu Bempô lhe dissera que muitas vezes era preciso ficar em silêncio se quisesse aprender a falar com os espíritos e ser instruído por eles.

Kaxi aprendia a cada dia coisas novas e agora, com doze anos, era o momento de passar pelo ritual da maioridade. Teria de provar às pessoas de sua tribo que já era um homem, que estava pronto para o matrimônio, que já era um guerreiro. O pequeno pajé, apelidado de Lua Pequena pelos outros índios da aldeia, sabia que também isso fazia parte da tradição de seu povo e, mesmo que tivesse sido escolhido, ainda assim, fazia parte da família a que pertencia. Teria de passar por esse teste de maturidade para poder ganhar status de adulto, de homem responsável, corajoso e maduro. Sabia que isso lhe daria maior desenvoltura na tribo e as pessoas passariam a ter respeito por ele.

Durante um mês inteiro, ele e mais vinte e quatro ficaram totalmente isolados da aldeia, em retiro na casa dos homens, onde eram iniciados pelos pais e padrinhos na arte da caça, pesca e sobrevivência na mata. Kaxi sabia que o teste consistia em permanecer alguns dias sozinho na floresta e dela tirar a sobrevivência necessária para vencer a prova e voltar para casa como um bravo, trazendo nas mãos alguma caça grande que depois se tornaria alimento para todo o povo. Kaxi não sabia que nem todos conseguiam realizar esse intento na primeira vez e que teriam que voltar para a floresta outras vezes até receber as honras de guerreiro.

Passado o mês do retiro, os vinte e cinco adolescentes colocaram-se no centro da aldeia e, por um dia inteiro, ficaram a cantar e dançar anunciando a sua partida para a floresta.

Ao despontar a lua, já quase de madrugada, os homens se reuniram e o cacique assim se expressou:

– Bravos guerreiros, a lua está alta no céu. Isso é um bom presságio. É hora de novos guerreiros saírem para a floresta e enfrentarem a sobrevivência sozinhos para provar que são dignos de pertencer a esta nação. Encontrarão muitos perigos e armadilhas feitas pela mãe Natureza a fim de testar a capacidade de resistência deles. Lembrem-se, no entanto, que a Natureza é nossa irmã e não nossa inimiga. Caberá a vocês apelar a ela de forma

correta, e ela não lhes deixará sem resposta. Vão com o Grande Espírito que anima nossa luta, vão com coragem, e que Deus os acompanhe.

Após as palavras do cacique pairou ensurdecedor sobre a aldeia e os jovens iniciados perceberam que era o momento de partir. Todos entraram na mata sem querer olhar para trás a fim de não ver os olhos das mães lacrimejando de felicidade.

Na floresta

Nos primeiros dias de viagem, o grupo permaneceu unido. Mas, à medida que penetravam na floresta, os jovens índios iam se distanciando uns dos outros. Todos sabiam que a tradição falava de coragem individual do guerreiro e de que, quanto mais sozinhos ficassem, mais coragem teriam, e o Grande Espírito protegeria o guerreiro.

Kaxi desviou-se do grupo e, após seis dias de viagem sem encontrar carne para alimentar-se, percebeu que algo o chamava para uma clareira na floresta. Devido ao cansaço da longa caminhada, Kaxi armou sua *uru* entre uma árvore e outra, e deitou-se contemplando *kasopta*. Muitas ideias vinham à sua cabeça e ele passou a meditar nas palavras do velho pajé.

Deitado na rede, pensativo, Kaxi passou a recordar o dia em que, alguns anos atrás, Karu Bempô lhe disse que ele tinha sido escolhido para dar continuidade à tradição de sua tribo. Teria de ser pajé, continuador do conhecimento da nação, guardião da sabedoria do povo, protetor dos valores seculares guardados na tradição de sua gente. Lembrou das palavras do pajé: “Para ser um bom pajé é preciso saber sonhar”. E de que naquele dia respondeu ao velho: “Eu não sei sonhar”.

Com os olhos cerrados, Kaxi lembrava o diálogo travado em seguida:

– Sonhar se aprende. Todo mundo sonha, mas poucos sabem o que sonham e menos ainda sabem interpretar o que sonham. Você já sonha. É preciso apenas que eu lhe diga como interpretar os sonhos e para isso vou lhe fazer um remédio, a fim de que você possa guardar na memória os sonhos que tiver.

Kaxi recordava que o remédio é que o pajé lhe fizera era bem simples: ele tinha ido à floresta procurar os caminhos das antas e, sem maltratá-las, recolhera suas fezes num pequeno recipiente; depois as deixara secar o sol durante alguns dias até que ficaram bem enxutas; em seguida, o pajé passou a aplicá-las na cabeça de Kaxi. Enquanto fazia isso, o pajé lhe dizia de forma bem mansa:

Sonhar, meu filho, é a mais antiga forma de aprendizado que existe em nosso povo. Nós resistimos a muitas batalhas porque soubemos ouvir a voz dos antigos, que nos falavam

em sonhos. É pelo sonho que nos transformamos, nos metamorfoseamos nos seres da natureza para ver mais adiante, ouvir com clareza, viajar para longe e reconhecer os perigos que nos rodeiam. Sonhar não é um privilégio, é uma necessidade. O pajé é o intérprete oficial dos sonhos na comunidade. Sem ele para dizer o que significam os sonhos sonhados o espírito da comunidade se arrefece, fica fraco e facilmente será vencido pelas forças inimigas.

– Mas, padrinho, se eu nunca consegui interpretar os meus próprios sonhos, como interpretarei o sonho de outras pessoas?

– Não se desespere, meu rapaz, há tempo para tudo. Um dia, quando chegar a sua hora, você não precisará interpretar nada, pois dominará os símbolos naturais dos sonhos. Será tão prático que nem precisará que as pessoas lhe contem seus sonhos, porque você mesmo os contará a elas. É isso que acontece comigo. Basta que eu olhe para a pessoa e desvendo o que ela andou sonhando. Isso me dá poder, mas me coloca numa situação muito delicada, pois as pessoas chegam a pensar que eu poderei usar esse poder contra elas. Na verdade, e você sabe muito bem disso, há em nossa comunidade pessoas que se dizem pajés por possuírem tal poder, mas utilizam-no para satisfazer interesses pessoais, de dominação. Você deve, portanto, ter cuidado com o uso que faz desse poder. Muitos de nossos antigos pajés usaram deste remédio para aprender a sonhar. Logo, você não é o primeiro a ter essa dificuldade e, certamente, não será o último. É para isso que existem os pajés em nossa cultura; é para fazer com que ninguém nunca esqueça da sabedoria que nos foi deixada por nossos antepassados.

Kaxi não entendeu direito o que havia se passado naquele momento, porém acreditara nas palavras do pajé e passara a acompanhá-lo. Tinha tentado sonhar muitas vezes e quando conseguia sonhar, mas não entendia o sonho, bastava contá-lo ao pajé e já recebia respostas prontas.

Recordou-se também de um fato ocorrido com ele e o pajé numa noite em que os dois saíram para colher plantas na beira da floresta. Kaxi, que já era um bom conhecedor das plantas, pois aprendera com sua mãe, afastou-se um pouco do pajé a fim de apanhá-las num local mais distante. Quando voltou, percebeu que o padrinho cantava uma melodia triste contando que estava chegando a hora de ele encontra-se com os espíritos dos antepassados e viver ao lado do Grande Espírito. Kaxi notou, inclusive, uma intensa luz rodeando o pajé enquanto este entoava a canção. Kaxi foi se aproximando de mansinho para ver se conseguia distinguir alguma coisa, mas foi surpreendido pelo chamado do velho, que disse saber que ele estava ali. Quando o menino perguntou como ele adivinhara sua presença, o velho sábio respondeu que não adivinhara e que um pajé nunca adivinha, ele sabe.

– Estou prestes a passar para outra realidade. Parto com tristeza por não poder fazer mais pelo meu povo. Sei que irei para junto dos antepassados e continuarei presente entre vocês, mas mesmo assim padeço da tristeza de quem poderia ter feito mais do que fez. No entanto, minha alegria continuam a existir quando penso que deixarei o povo em boas mãos, pois você tem se mostrado um grande discípulo e amigo, capaz de grandes sacrifícios pelo seu povo. É isso que se espera de um pajé.

Kaxi não quisera entabular conversa com o pajé naquele dia. Sabia que o velho estava triste e não desejava perturbá-lo. No dia seguinte, no entanto, aproximara-se do pajé e indagara a respeito da função de um líder religioso na tribo. Karu Bempô, com muita paciência, respondera:

– Um pajé é como um redentor, um curador, um médico, um profeta. É alguém que cura as feridas do corpo, pois as doenças são espíritos ruins, *cauxi*, que habitam o corpo do doente. O pajé é, também, o sábio que cura as feridas escondidas no fundo da alma. Ele procura unir o que está desunido; acende a fogueira que está apagada no coração de cada um; fala ao espírito as palavras do grande Espírito. O pajé, meu filho, é alguém que mostra caminhos. Os *pariwat* acham que o pajé é um mentiroso, um enganador, porque tira da floresta os remédios que curam o corpo da doença. Eles acham que as doenças são frutos de comidas mal digeridas, de cansaço, de preocupação. Eles dizem que mal vem de fora. Nós, pajés, acreditamos que a doença possui alma própria, que ela é algo que se move por conta própria e que entra no espírito da pessoa para desarmonizá-la e afastá-la do caminho do Grande Espírito, pois é para Ele que todos nós caminhamos.

A rede de Kaxi balançava num ritmo lento, mas constante. Ele só tinha em mente as várias falas que o pajé lhe dirigira antes de partir para a floresta:

– Quando você voltar, não estarei mais aqui, mas meu coração te acompanhará sempre. Enquanto estiver na floresta provando sua coragem, o Grande Espírito virá me buscar e me levará para junto de si. Continuarei a ser seu guardião, pois nosso espírito continua a viver com os outros espíritos num plano mais elevado que este para proteger e ensinar os que caminham nesta vida. Você já está preparado. Este é o seu momento.

Kaxi, como acontecia sempre, não entendeu direito o que poderia significar esta despedida. Não sentia a mínima vontade de prosseguir no rito de iniciação para a vida adulta. Sentia-se desmotivado, enfraquecido, solitário. Além disso, ainda não aprendera a *jexeyxey*. Portanto, não se sentia preparado para substituir o sábio pajé. Como dar conta de tamanha responsabilidade?

Finalmente, o sonho

Pensando nisso, o pequeno pajé, cansado devido à caminhada que havia feito e embalado pelo silêncio promovido pela mãe Natureza, como se estivesse sentindo a presença de Karu Bempô a lhe dizer: “Este é seu momento”, adormeceu e sonhou, e no seu sonho encontrou seu padrinho e mestre, que o foi guiando pelos caminhos do sonho. Kaxi entrou no espírito de uma *jakora*, felino comum na floresta amazônica. Percorreu grande extensão de mata numa carreira desenfreada. Foi até o coração do mundo e viu onde se escondia a caça; foi até o fim do mundo e viu em suas margens homens e máquinas destruindo árvores, cavando o chão, tirando a beleza do solo; em seguida transformou-se em águia e sobrevoou os rios, e inquietou-se. Foi também cobra e rastejou sob as copas das árvores. Entrou no espírito das árvores e ouviu seu lamento, seu choro, sua dor. Elas diziam de sua tristeza por suas irmãs derrubadas pela ganância do homem que não sabia respeitá-las. Transformou-se em *idibi* para sentir a dor dos rios que lamentavam estarem suas ondas encharcadas de detritos, de lixos de imundícies.

Kaxi inquietou-se em seu sonho, mas não deixou de ver a inquietude de seus irmãos de comunidade. Viu que o contato faria de sua sociedade um lugar de morte e dor. Viu muitos irmãos seus usando *doti* para cobrir o corpo, envergonhados de andarem harmonizados com a mãe Terra; viu muitos, com olhos fascinados pela tecnologia do homem branco, ouvindo a caixa que fala e engana; viu a luta de um irmão com outro irmão por causa do papel pesado, causa de cobiça e ganância; viu seu povo com vergonha de acreditar no Grande Espírito e nos seus ensinamentos; olhou no centro de sua aldeia e viu uma cruz, e percebeu que o Grande Espírito tinha sido banido pelos homens de roupa preta e pelas mulheres de roupa branca. Viu muita gente ajoelhada diante da cruz e fazendo fila para receber o Pão; viu seus irmãos com medo de morrer porque se sentiam culpados de terem nascido “selvagens”. Entrou no corpo de um dos irmãos e ouviu as mentiras do não índio para salvar sua alma.

O pequeno pajé habitou a alma do grande *ekçá* e o que presenciou o deixou muito triste: viu muitos guerreiros fortes atirados pelo chão por uma água de fogo que os deixava fora de si. Viu homens brancos que traziam essa água e negociavam para comprar suas terras. Na verdade, eles queriam comprar a sua alma.

Kaxi voltou para o seu corpo e ao despertar chorou muito por tudo o que tinha visto. Em seguida sentiu-se fraco e abatido, como se muitos dias houvessem passado. Sentia fome. Sentia, porém, que agora estava mais preparado e, estranhamente, se sentia com o poder de guardar em sua memória o que havia sonhado, e sentia que podia compreender cada coisa que visualizara em seu sonho.

Nesse momento Kaxi viu um grande clarão na floresta. Em torno dele pairavam no ar luzes maravilhosas. Notou um rosto conhecido a sorrir-lhe. Era Karu Bempô, se padrinho. Diante de tanta felicidade por se saber detentor de um conhecimento secular, Kaxi sentiu as pernas enfraquecerem e, de repente, tudo ao seu redor pareceu girar até que ele desfaleceu.

Kaxi acordou depois de algumas horas. O cansaço havia desaparecido, a fome não. Tudo isso, porém, não representava nada para aquele pequeno pajé, pois ele sabia que tinha uma grande missão a cumprir junto a seu povo. Kaxi sentou-se à beira de sua rede e ficou pensando em tudo o que tinha visto e sentido, e percebeu que era uma sensação muito agradável poder visualizar o futuro e ver com clareza os pontos que deveria atacar a fim de cumprir sua missão. Ficou satisfeito consigo mesmo por ter aprendido a sonhar e interpretar o que sonhara. Sentia-se harmonizado, completo e unido ao espírito do velho pajé que havia lhe passado todo o conhecimento que agora possuía.

Com esse espírito de gratidão Kaxi percebeu que estava na hora de retornar para o seio de sua gente. O ritual tinha sido, para ele, um sucesso, pois nele descobrira seu potencial xamânico, sua verdadeira vocação. Mas ainda era preciso encontrar uma caça grande para servir à comunidade como pagamento. Saiu, portanto, à procura dos animais, e logo os encontrou. Havia uma manada de *bio* perto dali e Kaxi caprichou na pontaria, ferindo uma delas bem no coração. Em seguida montou uma pequena padiola a fim de transportá-la. Kaxi, no entanto, ainda sentia fome e precisava saciá-la logo. A uns cem metros viu uma pequena cutia à procura de alimento. Kaxi desferiu uma mortal flechada sobre o animal, que caiu desfalecido. Kaxi acendeu o fogo, assou a carne e comeu, tranquilo, mas vorazmente. Em seguida se pôs a caminho da aldeia. Estava cumprida uma missão, que consistiu no aprendizado com seu querido padrinho Karu Bempô... Teria que iniciar outra bem mais difícil, a de conduzir seu povo rumo ao futuro e à sobrevivência...

Glossário com vocabulário munduruku dos termos utilizados ao longo do conto

Quadro 2: Vocabulário indígena explorado no conto:

Língua Munduruku	Significado	Língua Munduruku	Significado
ajora	araririnha	kabido	vento
akoba	banana	kagã	cana
baripnia	parentes	kasopta	estrelas
bay bay	papai	kaxi	lua
bekitkit	crianças	kaxinug	relógio
bio	anta	kio'uk	bambu
cauxi	feitiço	koru	curica
daje	queixada	ku	roça
dajekco	caititu	muba'at	chuvas
dapsem	veado	musukta	mandioca
doti	roupas	oboré	amigo
ekcá	casa dos homens	parawá	arara
hai	paca	pariwat	homem branco (não índio)
ibubutpupuat	Dinheiro	paro	Urutau
ictius	Vasos	pigãgãm	Pescar
idibi	água; rios	poy-iayn	Macacos
í'tit	Filho	pusowawa	Quati
ixi	Mãe	sapokay	Galinha
ixiwe	Embira	uk'a	Casa
jakora	Onça	uru	Rede
jexeyxey	Sonhar	wasuyu	Pássaros
		wexik'a	batata-doce